

O OUTRO MARCO POLO

QUE VIAJOU – TALVEZ –
COM FERNÃO DE MAGALHÃES



DESCRIÇÃO ANOTADA DAS VIAGENS D'

O OUTRO MARCO POLO

QUE VIAJOU – TALVEZ – COM FERNÃO DE MAGALHÃES

DA CONSTELAÇÃO DE
APUS | AVE-DO-PARAÍSO – SETOR I

A exploração da constelação de *APUS* | AVE-DO-PARAÍSO – Setor I fez-se quase exclusivamente por via dos escaleres que os navios transportavam. Aparentemente havia mais do que um navio a explorar este Setor.

Os exploradores sentiram frequentemente a diferença entre o que conheciam e o que vieram a descobrir, ainda que alguns dos animais e plantas fossem comuns em outras partes do Mundo que não na Europa.

Este Setor é pela sua maior parte, um arquipélago, com pequenos grupos de ilhas, em alguns casos; e geralmente sem humanos. Graças aos exploradores, alguns mal-entendidos foram desfeitos e estabeleceu-se uma convivência entre habitantes.

*Ao anónimo anotador das descrições,
pertencem os itálicos que pontuam os textos.*

A ILHA DAS COBRAS

A meio da expedição e depois de muitos dias, fui promovido a Capitão de um dos escaleres do navio que explorava este setor!

Eu Capitão Rodrigo viajo pelas altas marés – *pensei!*

Depois de uma tempestade horrível saí do meu barco e reparei que estava numa gruta. Entrei e caí num buraco. Quando me levantei vi uma ilha cheia de cobras grandes e mansas. Chamei-a de Ilha das Cobras.

Nela havia vários tipos de cobras: cobras misturadas com leões, cobras misturadas com cavalos e cobras misturadas com pássaros. Eram – *para mim* – muito estranhas!

Também havia uma praia com areia branca e árvores que davam frutos esquisitos, como o abanana, que é a banana misturada com o abacate, a macera, uma maçã misturada com a pera e muitas outras frutas bizarras.

Continuando, encontrei um baú que abri de imediato. Tinha ouro e diamantes, em grandes quantidades. Quando fui a outra gruta ainda maior, encontrei a rainha de todas as cobras. Ela era a Anacondana, uma anaconda gigante de duas cabeças.

Entretanto, o sol já estava a pôr-se, tinha de regressar ao navio. Mal cheguei, disse aos meus companheiros que, logo que pudesse, iria voltar.

Título: Descrição Anotada das Viagens d'O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães

Sub-título: Ave-do-Paraíso – Setor I

Autores: Afonso Esteves, Afonso Ferreira, André Hélder, Beatriz Ferreira, Beatriz Pereira, Beatriz Ribeiro, Bernardo Silveira, Dalila Fernandes, Diana Rodrigues, Gabriel Lopes, Gonçalo Domingues, Inês Ramos Duarte, Lara Saraiva, Mafalda Almeida, Marta Pinto, Mateus Pereira, Matilde Lages Pereira, Rita Augusto, Rodrigo Esteves, Sofia Gaspar Soares da Costa, Tomás Lopes, Tomás Saraiva [Escola Básica de São Martinho, 3.º e 4.º anos (Ave-do-Paraíso – Setor I)]

Design e Ilustração: Miolo e Meio, Ida.

Edição e Anotações: R. M. Ribeiro

O Projeto-Piloto de “O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães” foi desenvolvido com o Agrupamento de Escolas Grão Vasco, no âmbito da iniciativa da Memória Comum – Associação para os Museus Municipais – Viseu; e decorreu em Junho e Julho de 2019, resultando em 5 cadernos (cada pertencente a uma turma do 1.º Ciclo do Ensino Básico), que foram publicamente apresentados durante o festival “Mescla”, a 07/07/2019.

A Fase 1 de “O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães” iniciou-se a 20 de Setembro de 2019, data dos 500 anos da partida da Expedição de Fernão de Magalhães que completou a primeira viagem de circum-navegação ao globo terrestre.

projectopatrimonio.com/o-outro-marco-polo/

Viseu. Junho, 2020.

A ILHA DOS FURACÕES

Passei uma noite muito agitada. Mal dormi. As ondas eram gigantes e entravam pelo navio. Entretanto chegou a manhã. Em nada se parecia com a noite: o mar calmo refletia o azul do céu e sol brilhava de forma tão intensa que não deixava dormir. Dirigi-me à popa e olhei a toda a volta. De repente vi algo para além do mar azul, era Terra! Decidi ir lá.

Ao sair do escaler, pus o pé em terra e apercebi-me que era muito estranha: era vermelha e fazia-me lembrar o queimado do fogo. Andei pela terra fora e vi uma gruta iluminada. Entrei, fui até ao fundo e vi uma cidade debaixo da terra. Perguntei a uma pessoa que ali passava ao pé o que estavam ali a fazer. Ele respondeu que estavam ali para se protegerem de uma grande tempestade que estava para chegar. Pouco tempo depois, começou a ficar muito vento, então fui lá fora e vi um turbilhão de nuvens no céu e voltei para dentro.

Depois de a tempestade passar resolvi sair, mas o vento soprava e fui empurrado contra uma árvore e desmaiei, quando acordei regresssei ao escaler e entrei no navio, estava a avizinhar-se uma noite turbulenta.

Por toda esta aventura decidi dar a esta ilha o nome de “Ilha dos Furacões”.

Entretanto era tempo de regressar à Expedição.

DRAGOSITE

Eu acordei preparada para mais um dia de aventuras.

Olhei a toda a volta do navio e vi uma ilha, mas estava muito longe. Dirigi-me até lá no escaler e mal lá cheguei ouvi um barulho muito alto. Descobri de onde vinha, aproximei-me e vi um dragão bebé que estava com a pata magoada. Tentei ajudá-lo, mas teve medo e fugiu. Fui atrás dele até uma floresta cheia de animais. Havia uma espécie de peixes que voavam. Tinham o corpo como o de um pato, mas em vez de penas tinham escamas vermelhas e amarelas. No lugar das asas tinham plumas grandes e leves. Não tinham patas, só voavam e nadavam. Também vi uns seres que eram muito pequenos, mas muito comilões. Tinham dentes muito grandes maiores do que eles, a sair de uma boca enorme. Eram redondos como uma bola e viviam em pequenos buracos na terra.

De repente pareceu-me ver uma grande montanha a dirigir-se a mim: era a mãe do pequeno dragão, que o vinha buscar. Ele saltou-lhe para as costas e lá foram os dois.

Eu voltei para o navio cheia de vontade de desenhar aqueles estranhos seres sem me esquecer de nenhum pormenor. Decidi que aquela terra iria chamar-se Dragosite em homenagem ao pequeno dragão ferido.

BOLANDIA

Era bem cedo quando avistei terra. Ao aproximar-me verifiquei que era uma ilha. Decidi ir até lá.

Ao sair do escaler pisei uma terra pintada de verde. As árvores eram altas e, no lugar das folhas, tinham gomas e os troncos eram de chocolate. Também havia arbustos de açúcar de caramelo e de gelado de morango.

De repente avistei uma criatura. Era pequena e tinha uma pele roxa e cor de laranja com pintas verdes. Não tive medo, quando me aproximei dela. Falei com ela e verifiquei que falávamos a mesma língua. Mostrou-me tudo.

Havia um vulcão e a lava era cobertura de bolo. Como a criatura tinha asas voei com ela e vi que a terra era em forma de bolo e, assim, chamei-a de Bolandia.

Mas tinha de ir embora para descobrir outras terras. Foi o meu melhor momento!

CASCAROTA

Saí do meu navio para o escaler e avistei uma terra acastanhada, então decidi ver o que nela havia.

Mal cheguei vi um animal castanho grande, mas mesmo muito grande. Fui atrás dele, mas foi esconder-se numa toca. Espreitei e vi-o a pegar num animal da mesma cor que ele, mas pequenino. Resolvi bater à porta [a toca tinha uma porta], mas ninguém abriu. Bati de novo e lá veio ele abrir a porta e falou-me na sua língua – *que acabei por entender*.

Eu fui com ele conhecer a terra que tinha acabado de encontrar. Mostrou-me um fruto que não havia na minha terra, parecia uma árvore em miniatura e chamava-se ananás.

Descobri também um outro animal que tinha a boca gigante, era da cor dos pinheiros, andava na água azul e era brilhante. Havia outro animal que era o rei da selva, tinha uma juba grande e estava sentado numa gruta escura e profunda.

Ainda descobri mais coisas, uma delas foi um fruto chamado papaia. O ser estranho comia-o com o maior prazer. Outro fruto era o abacate, um fruto verde com um caroço gigante no meio. Encontrámos ainda outro fruto que era a manga. Esse comemo-lo os dois com muita satisfação. As mangas maduras eram mais doces e saborosas.

Por fim despedi-me e agradei tudo que fizeram por mim e o ser estranho ofereceu-me uma planta muito especial para eles que se chamava copaiva.

O nome que achei por bem chamar a esta terra foi Cascarota.

Subi do escaler para o navio e procurei uma próxima aventura espetacular.

Do navio em que seguíamos, avistei uma linda ilha e no escaler consegui chegar a ela.

Ao pisar o chão encontrei relva branca com pintas roxas. Também vi um animal brilhante com quatro olhos, que fugiu ao ver-me, mas eu segui-o. Estava triste porque não tinha um nome e eu chamei-o de Tremor. Quando acalmou mostrou-me um fruto cor-de-rosa com riscas pretas, uma planta arco-íris redonda e pequena e um parque aquático de madeira.

De seguida apresentou-me o mega-pato com oito narizes, seis patas e dezanove cabeças. Aquele animal deu-me uma planta em forma de quadrado que dava uma flor cor de laranja e violeta. Também me mostrou uma piscina com água amarela, onde nadavam uma espécie de golfinhos vermelhos que brincavam uns com os outros dando grandes saltos.

E por último mostrou-me uma cidade cheia de animais que trabalhavam em conjunto. Eram elegantes, engraçados e divertidos.

No fim dei um forte abraço ao Tremor e prometi voltar um dia àquela terra a que dei o nome de Diversão.

Quando me despedi da minha família e parti para mais uma aventura, peguei na mochila e fui até ao cais onde estava a caravela. Lembro-me que queria descobrir algo que ainda ninguém soubesse que existia.

Depois de alguns meses de tempestades, calor, frio, pensei em desistir do meu sonho até ao dia em que, depois de várias observações acabei por avistar ao longe uma ilha cor-de-rosa. Entrei no escaler e, remando, aproximei-me dela. Não parecia ter sido pisada por outras pessoas. Saí do escaler e fui até lá.

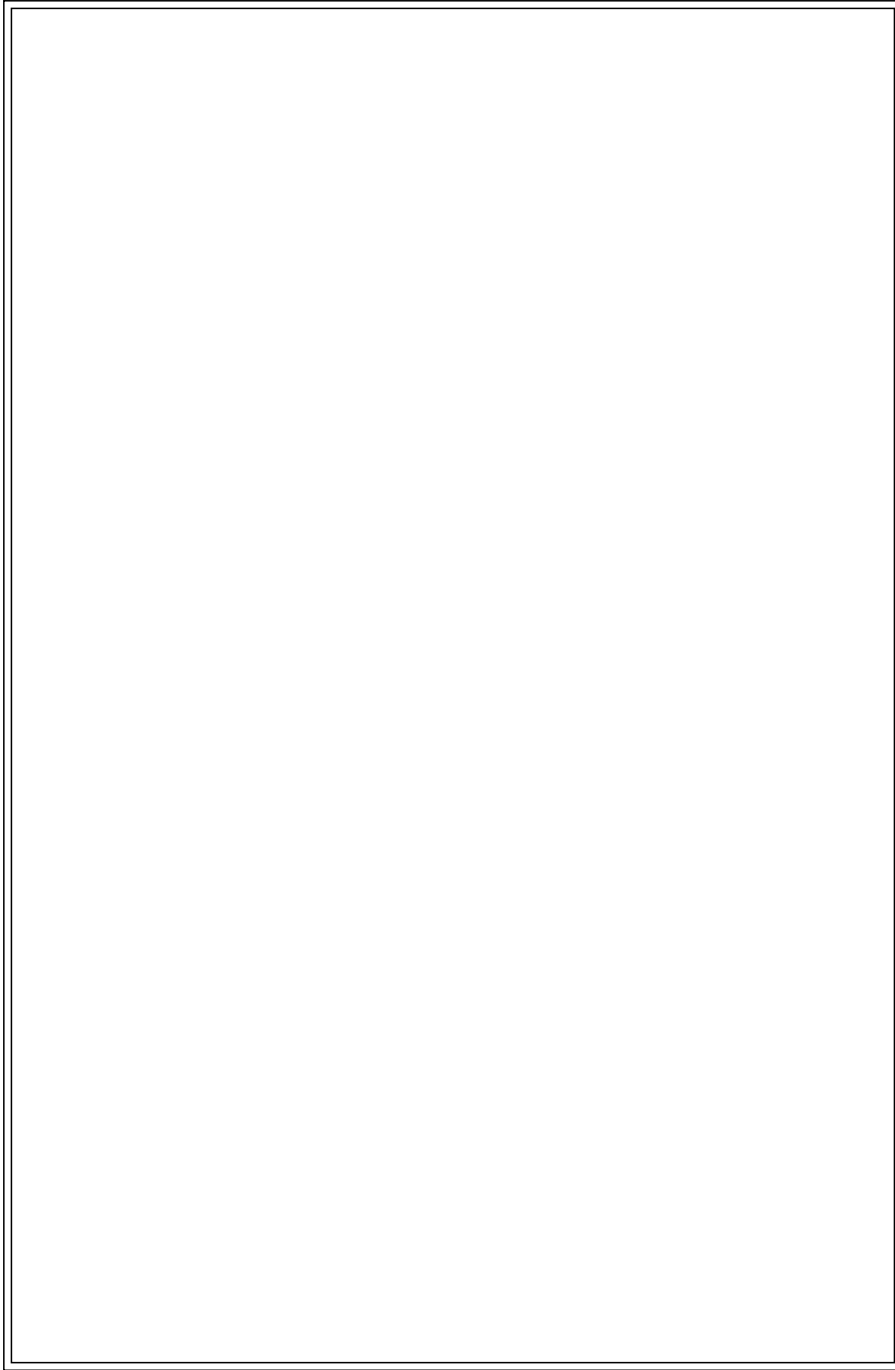
Fiquei impressionado: havia árvores em que tocava e que se desfaziam, outras cobriam-se de flores, outras de frutos... No meio destas descobertas todas, peguei numa flor para poder levar de recordação, mas qual não foi a minha surpresa quando reparei que a flor estava colada à minha mão. Achei estranho e decidi cheirá-la. Lembro-me que tinha um cheiro doce, um cheiro que me transmitiu paz.

A terra era castanha, mas brilhante, peguei num bocado e meti à boca, sabia-me a coca-cola. Experimentei tudo: árvores, flores, ervas... Tudo era doce. Depois de algum tempo apercebi-me que tinha descoberto uma ilha de doces, onde apenas habitava um urso amarelo com um laçarote vermelho junto ao pescoço. Ele tinha um olhar triste e quando me aproximei dele senti medo, pois nunca tinha visto um humano. Depois acalmou e quis brincar comigo.

Tirei o mapa que trazia na sacola e vi que aquela ilha ainda não tinha sido descoberta. Estive por lá cerca de um ano, descobri coisas incríveis, mas que não vos vou contar porque vão ter que ser vocês a descobrir, fazendo uma visita a este lugar incrível.

Foi ao fim desse ano que os navios da expedição voltaram para me vir buscar.

Quase me esquecia de dizer que o urso veio comigo para casa e que aquele lugar passou a chamar-se Duçolandia, a ilha dos doces onde o impossível se torna possível.



ESTRANHEZA

Acordei e ao tomar o meu belo pequeno-almoço avistei uma terra desconhecida. De estranha que era decidi dar-lhe o nome de Estranheza. Aquela terra, além de estranha, era maravilhosa. Nela vi flores azuladas e cor-de-rosa vivo, das mais variadas formas e feitios.

Caminhei bastante até que vi umas pegadas. Quando me aproximei, observei uma pessoa meia urso e meio humana. Perguntei-lhe o que se passava, pois estava muito triste.

Ele respondeu que tinha perdido a família há pouco tempo. Apresentei-me e ele também. Disse que tinha dez anos e que se chamava Iury.

Passámos grandes e bons momentos. Ele ensinou-me malabarismos e mostrou-me paisagens lindas e magníficas.

Quando estava para ir embora prometi ao Iury que iria regressar.

ESTRANHEZA DIVERTIDA

Um dia, de manhã, corria uma pequena brisa e o mar calmo refletia o azul do céu. De repente, senti um forte embate, tão forte que quase me fez cair borda fora. O navio tinha encalhado!

Subi novamente para o navio, olhei a toda a volta e, muito feliz, gritei: "Terra à vista! Terra à vista!"

Decidi ir até lá, enquanto os restantes marinheiros desencalhavam o navio. Mal saí do escaler deparei-me com uma criatura que nunca tinha visto. Era parecida com uma galinha só que tinha grandes penas com muitas cores, que fugiu quando me aproximei. Por isso decidi correr atrás dela pelo meio da densa vegetação.

De repente cheguei a uma pequena aldeia. Nela havia pessoas, todas diferentes, mas todas com um ar simpático. Dirigiram-se a mim e, através de gestos, conseguimos comunicar. Perceberam que estava muito cansada e cheia de sede e imediatamente me trouxeram alimentos invulgares, mas muito saborosos e água fresquinha que bebi com agrado.

Depois levaram-me a conhecer melhor aquela bela terra. Vi umas plantas com grandes braços carregadas de um fruto acastanhado e muito peludo por fora e verde por dentro com umas minúsculas sementes pretas. Também vi uns animais peludos, muito parecidos com pessoas que saltavam de árvore em árvore à procura de um fruto amarelo que descascavam e comiam apenas o seu interior. Mas o que mais me impressionou foi um animal muito parecido com o burro, mas todo às riscas pretas e brancas. Era bem bonito.

Queria ficar por ali para conhecer melhor aquela terra, mas ao mesmo tempo estava ansiosa para contar tudo o que tinha visto aos meus companheiros. Eles não iriam acreditar! Entretanto, já no caminho de regresso ao barco, deparei-me com aquela criatura de grandes penas coloridas que tanto me tinha impressionado ao chegar. Que felicidade! Dei-lhe o nome de pavão. Mal entrei no navio comecei a contar o que tinha visto e todos me ouviram com muita atenção. Em conjunto decidimos chamar àquela terra Estranheza Divertida. Para mim, a melhor terra do mundo!

FIARFARK

Certo dia estávamos a navegar quando nos perdemos no meio do Oceano. Desesperado olhei em todas as direções e vi uma ilha. Cheio de coragem (*pedi e obtive autorização*), desci para o escaler e fui explorar.

Quando cheguei vi uma praia calma de areia fina onde encontrei umas árvores altas que davam um fruto a que chamei coco. Era duro por fora, mas por dentro era delicioso. Continuei e vi uma vila cheia de estátuas de reis ocidentais e eu, desorientado, perguntei a um homem que por ali passava que sítio era aquele e ele disse que era Fiarfark.

O homem, gentilmente, ofereceu-se para me mostrar aquela ilha. Durante o caminho vi campos cheios de orquídeas raras, lagos translúcidos com rãs e libelinhas verdes a voar e a saltar entre os nenúfares brancos e por último mostrou-me uma floresta de eucaliptos onde havia vários animais aos quais chamavam de coalas. Fiquei maravilhado com tudo o que vi e gostava muito de poder ter ficado mais um pouco a vislumbrar aquela paisagem, mas o dever chamava-me e tive que regressar ao navio.

Entre no navio e fomos embora à procura de mais aventuras.

MERULINO

Viajávamos, eu e os restantes marujos, há vários meses quando, numa tarde, peguei nos binóculos e vi uma ilha de espantar. Desci o escaler e lá fui eu.

A ilha parecia grande e era muito bonita. Mal cheguei vi um bicho que nunca tinha visto antes. Ele era pequeno e tinha pelo branco, olhos azuis, patas verdes e vermelhas e a sua cabeça era preta. Ele viu-me e fugiu para a sua toca, mas eu consegui segui-lo. Então, entrei, mas ele estava a dormir. Resolvi acordá-lo e falar com ele muito calmamente e não se assustou. Fiquei impressionado por ele me compreender e falar a minha língua. Dei-lhe o nome de Jático. Ficámos amigos e ele mostrou-me coisas maravilhosas.

Ali tudo era limpo. O chão estava coberto de erva verdinha, havia muitos rios de água fresca e muitas árvores que davam frutos muito diferentes uns dos outros, mas todos deliciosos. O Jático também me mostrou outros animais, *que para mim*, eram tão invulgares como ele. Ao maior chamei elefante e ao de pernas e pescoço altos e manchas no corpo chamei girafa.

Como o sol já se estava a esconder tive de regressar ao navio. Despedi-me do Jático e lá fui eu cheio de pena de não poder ficar mais tempo para explorar aquela bela ilha a que dei o nome de Merulino.

A TERRA DAS FADAS

Estava no navio há muitos meses quando avistei um pedaço de terra coberta de relva e flores azuis. Fiquei feliz por poder ir a terra buscar água fresca e comida para mim e para os marinheiros.

Fui até lá no escaler e ao chegar vi uns bichinhos com umas luzes que descobri que eram uma espécie de pirilampos. Havia umas casas muito pequenas de várias cores e feitios. Com alguma curiosidade fui ver o que havia mais para descobrir. Quando me aproximei vi umas fadas que cantavam maravilhosamente mas, de repente, elas viram-me e esconderam-se nas árvores. Depois de perceberem que não lhes fazia mal saíram das árvores e brincaram comigo. Também comemos uma espécie de tarte de morango que tinham confeccionado e que estava muito gostosa, mas um pouco diferente daquela que eu conhecia, pois foi feita com ingredientes provenientes daquela ilha. Mostraram-me também um parque onde elas gostavam de brincar.

Infelizmente, estava na hora de partir. As fadas ficaram tristes, pois não iam ali pessoas para as visitar. Por isso prometi-lhes que voltaria assim que pudesse.

E lá fui eu descobrir novas terras.

ILHUSÕES

Acordei bem cedinho com os raios de sol a dar-me nos olhos para continuar a nossa descoberta pelo mundo. De repente avistei uma ilha muito pequena. Entrei no escaler e parti à aventura.

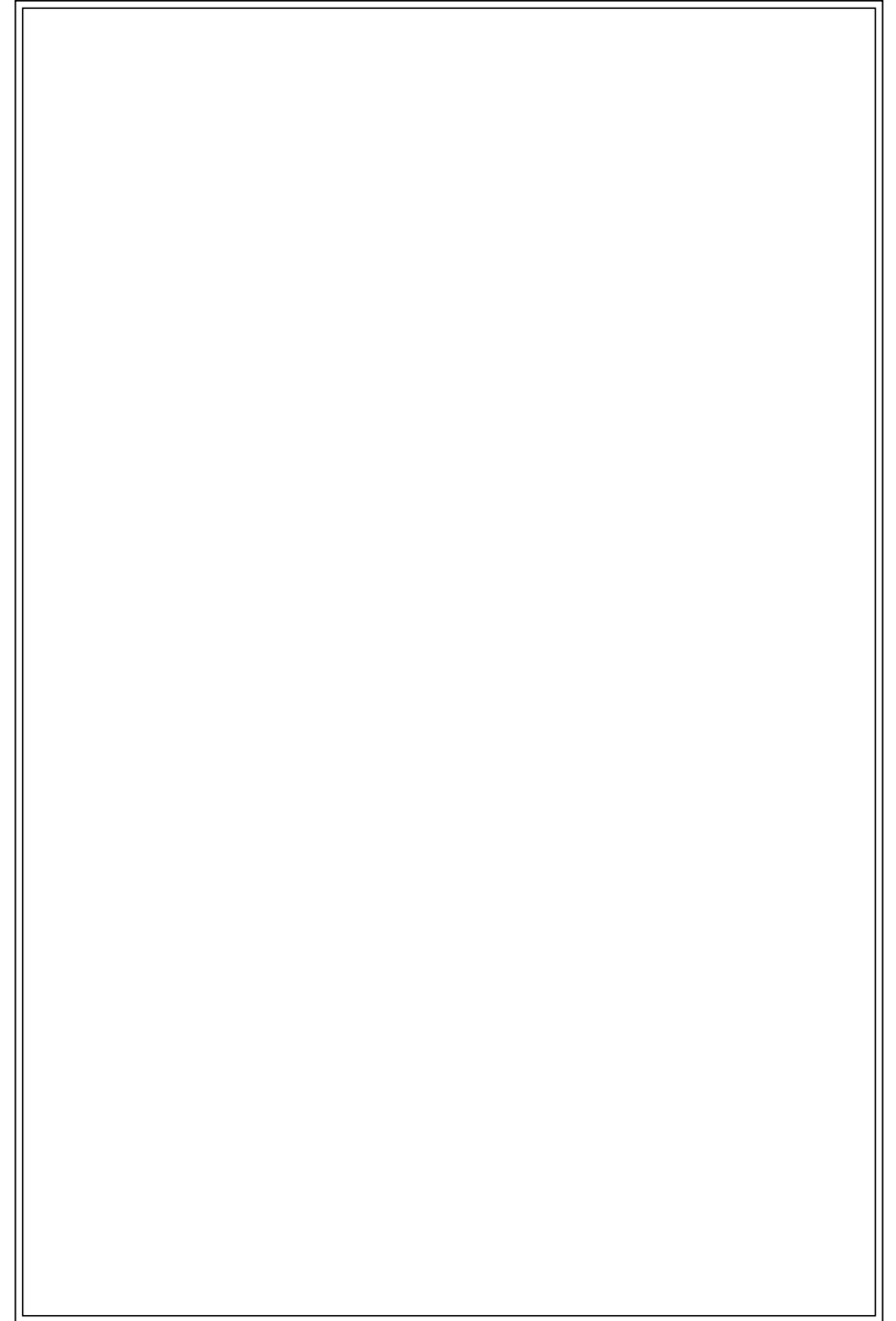
Quando lá cheguei deitei-lhe uma pinga de sumo de manga que me sobrou do almoço e “PLUM”... a ilha cresceu. Como descobridor, tive o direito a investigar aquela ilha. Fiquei com algum medo. Então chamei quinze marujos para me ajudarem.

Lá vi muitas coisas que pareciam ilusões; patos com 3 cabeças, e aranhas com cem patas, a que dei o nome de Ceinhas.

Esta ilha tinha um chão preto, mas as plantas eram muito bonitas. Outro ser que vi foi uma espécie com oito cascos de cavalo, pernas de pato, corpo de humano, mãos e braços de gorila, uma barbatana no rabo e dez cabeças de gato.

Eu e os marujos fugimos para o navio com medo destes e de outros seres assustadores.

No entanto, aquela ilha ficou para a história do mundo com o nome de Ilusões.



MALIAVA

Acordei e preparei-me para mais uma aventura. Subi até à proa e peguei no mapa. De repente avistei uma terra que não estava no mapa e fui até lá.

Quando cheguei percebi que se tratava de uma ilha e, de repente, vi um pequeno animal amarelo com uma língua gigante de cor azul. Ao ver-me escondeu-se atrás de um arbusto, muito assustado e eu pedi-lhe que não tivesse medo. Então saiu do arbusto e dirigiu-se a mim, dizendo que se chamava Hosico e que aquela ilha se chamava Maliava.

De seguida, apresentei-me e ele, amavelmente, ofereceu-se para me mostrar o resto da ilha e assim foi. Mostrou-me paisagens deslumbrantes, com árvores grandes e coloridas e aves diversas com plumagens maravilhosas. Durante o passeio observei algo estranho e perguntei ao Hosico o que era aquilo. Muito simpático respondeu que era uma planta especial que ele próprio plantou e cuidou e que dava um fruto em forma triangular de cor laranja com pintas vermelhas. Perguntou-me se queria provar e eu, respeitosamente, disse que sim e quando provei fiquei deliciada, pois era maravilhoso!

Como tinha gostado tanto deu-me alguns para levar, e eu agradei.

No regresso para o barco ainda me mostrou onde vivia: uma toca feita de madeira e folhas das árvores coloridas. Uma vez que a noite se aproximava despedi-me, prometendo que um dia regressaria àquela ilha encantada.

PANPAROCAS

Acordei com o nascer do sol e fui-me preparar para mais um dia de aventuras e descobertas.

Enquanto consultava o mapa de navegação observei algo ao longe. Então aproximei-me para ver o que era. Pareceu-me uma pequena ilha. Fui até lá no escaler e ao chegar reparei que a terra era toda preta e branca e não existiam casas.

Decidi explorar mais e de repente vi um ser preto e branco que se confundia com a terra. Segui-o e reparei que estava ferido. Então decidi ajudá-lo, mas como não estava habituado a humanos, fugiu. Eu segui-o e tranquilizei-o. Fiz-lhe o curativo e como me pareceu que este pobre animal estava perdido, fui procurar a sua família. Ao longe ouvi um rugido. Segui o som e encontrei o que procurava. Aquela criatura a quem dei o nome de panda correu logo para os seus. Nem parecia ferido!

Como aquela terra era habitada apenas por pandas decidi chamá-lo Panparocas.

GONGABONGA

A navegar pelo Oceano Pacífico, rodeado de nevoeiro, seguia eu, com a tripulação no nosso barco à vela cor de laranja. De repente, o barco deu um solavanco e encalhámos numas pedras. Como responsável, cabia-me tentar perceber o que tinha acontecido. Assim, desci para o escaler e fui investigar.

De um momento para o outro, o nevoeiro cerrado desapareceu e pude ver uma ilha que me parecia encantada.

Nunca tinha visto tanta beleza, plantas e animais. Era tudo tão diferente! A ilha era muito verde e estava coberta por vegetação que eu não conhecia. Vi árvores altas com frutos estranhos, arbustos baixos com bagas coloridas...

Por todo o lado saltavam animais estranhos. De repente, saltou um animal de um arbusto que se assustou com a minha presença e fugiu.

Correu para dentro de uma gruta e eu segui-o. Lá dentro havia um rio com uma água azul clara e havia também uma árvore e o animal subiu à árvore e eu também subi. Lá em cima vi muitas espécies de animais, eles atacaram-me e eu fugi. Mais à frente vi outro animal muito grande. Era cor de laranja e tinha espinhos verdes nas costas. Eu fugi para o meu barco e o animal foi atrás de mim, mas escorregou e caiu ao chão e espetou um espinho na pata. Então eu ajudei-o e ele ficou meu amigo. Chamei-o de Monstrossauro.

Aquela ilha ficou conhecida pelo nome de Gongabonga. Lá fizeram um jardim zoológico e a atração principal era o Monstrossauro. Todas as pessoas o queriam visitar.

ARQUIPÉLAGO GANG

Acordei de manhã para mais viagens em busca de novas terras e muitas aventuras! Já o sol indicava a metade do dia quando avistei muitas ilhas no oceano.

Comecei por visitar uma a que dei o nome de Ilha Macarente. Nela havia um fruto especial, o pacarento, que é muito suculento.

De seguida, fui à ilha Sepanda. Aí encontrei outro fruto que eu desconhecia e a que chamei de secande. Tinha a casca cor de laranja avermelhada e era muito gostoso.

E por fim, visitei a Pintamágica que era uma ilha habitada por alguns pássaros, crocodilos e cobras venenosas e assustadoras.

Foi uma viagem longa mas muito gratificante, pois vi coisas diferentes, mas espantosas!

A ILHA PIPOCA

Ao acordar de manhã cedo avistei uma pequena ilha que me pareceu deserta e fui até lá no meu escaler.

A ilha tinha o chão da cor do sol e tinha grandes árvores que tapavam o caminho estreito onde havia escuridão por todo o lado. Eu segui esse caminho até que, lá no meio, senti algo a mexer-se. Era um animal amarelo como uma pipoca, os seus olhos eram pretos, a cauda era vermelha como as cerejas. Aproximei-me, mas ele, para meu espanto, mudou de cor e fugiu tão rapidamente que nunca mais o vi, apesar de várias tentativas para o encontrar.

Como estava muito cansada procurei um local para descansar. Depois de muito andar lá encontrei algo parecido com uma cabana. Foi só ao entrar que descobri que afinal era a casa do dito animal. A família estava toda reunida e eu saí de mansinho para não a assustar.

Enquanto procurei outro lugar para poder descansar descobri que aquela era a única espécie animal que habitava a ilha, por isso resolvi batiza-la de Ilha Pipoca.

BASTACOCO

Um dia estava a navegar com os meus amigos marinheiros e, de repente, avistei uma linda ilha, muito verde.

Resolvi visitá-la. Ao chegar vi que estava cheia de umas árvores altas que davam uns frutos grandes e castanhos a que chamei coco. Lá ao fundo esta ilha tinha uma montanha enorme e, mesmo no alto, situava-se uma aldeia que estava toda destruída. Ao passear por lá descobri duas pessoas escondidas e perguntei-lhes o que se tinha passado. Elas disseram-me que tinha sido um monstro que se chamava “Malvado” o responsável por toda aquela destruição. Também me explicaram que não eram só elas que estavam ali, havia mais pessoas, mas para ali poderem viver era preciso pedir ao Malvado para parar de destruir as casas e eu lá fui.

Ele morava num lugar situado ainda mais alto do que a aldeia. Quando lá cheguei ele abriu a porta e apresentou-se dizendo que se chamava Bastacoco porque ele adorava comer os cocos da ilha. Pedi-lhe para parar de destruir as casas dos seus habitantes. O Bastacoco explicou que devido ao seu tamanho não conseguia ver as casas.

Em seguida voltei para aldeia e expliquei a situação às pessoas. Elas compreenderam o Bastacoco e decidiram construir um passeio por onde ele podia deslocar-se aos coqueiros para se alimentar.

A partir daí o Bastacoco e os habitantes da ilha tornaram-se grandes amigos e eu resolvi dar o seu nome à ilha.

ESTRANHAJEDÃO

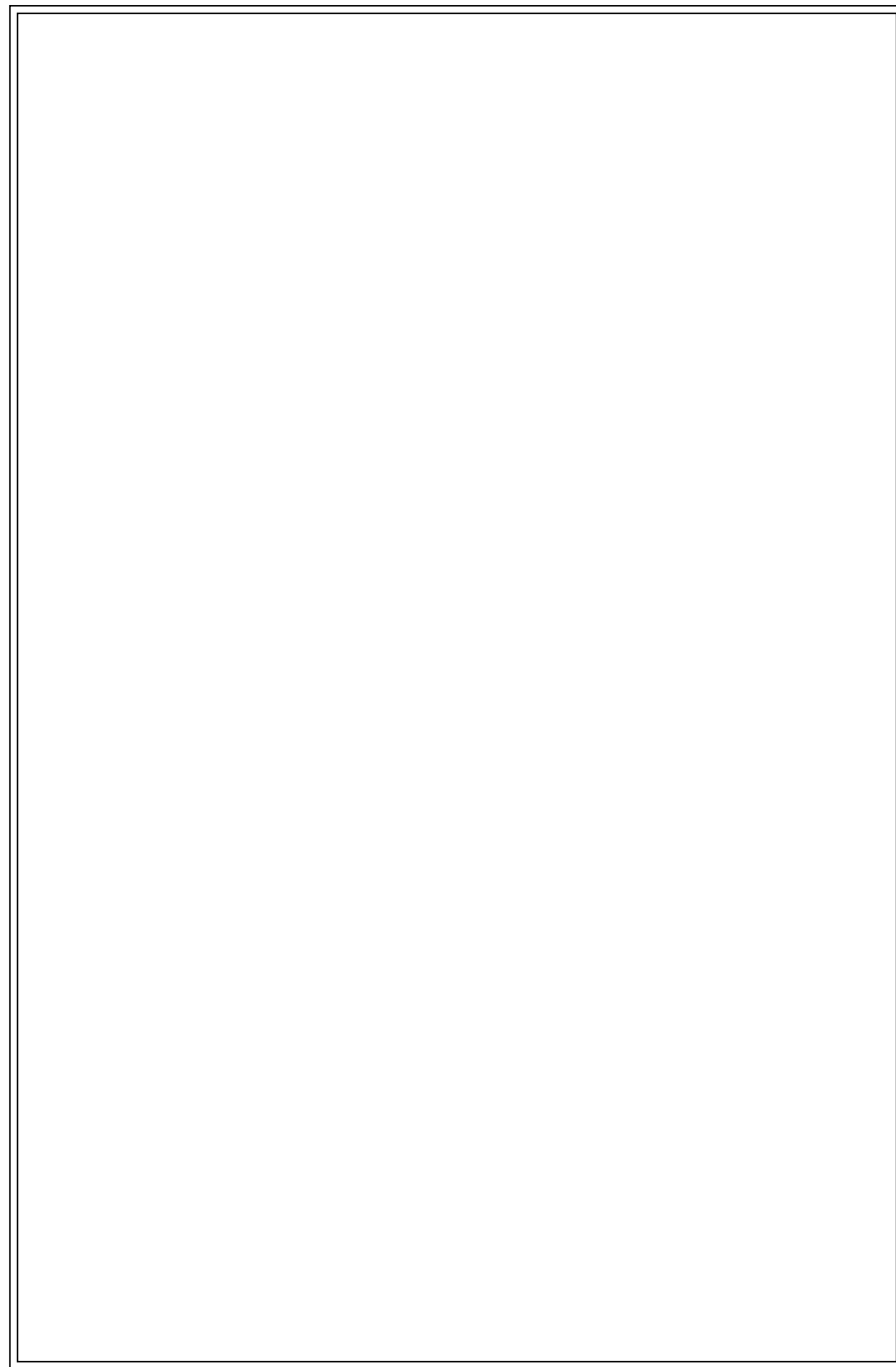
Desci do navio para o escaler, pois tinha acabado de avistar uma ilha perdida no oceano.

Ao chegar deparei-me com um lugar muito diferente de todos os que já conhecia: tinha mais vulcões do que árvores e o solo era muito preto. Decidi explorar cada recanto daquela ilha.

Depois de muito andar encontrei uma aldeia com casas feitas de palha onde habitavam pessoas com a pele tão escura como o carvão. Tinham a cara pintada às cores e na cabeça usavam uma coroa feita de penas de aves. Primeiro tive receio que me fizessem mal, mas quando me aproximei todos foram amáveis e receberam-me muito bem. Fiquei a conhecer a sua língua, a Taca, e os seus costumes.

Convidaram-me para ficar e à noite ofereceram-me saquenu assado para jantar. Uma delícia! A sobremesa foi abalu, uma espécie de pão doce, também muito bom. Para agradecer eu ofereci-lhes alguns biscoitos, mas pareceu-me que não gostaram. Eram muito duros!

Por fim chegou a hora de deixar aquela terra, Estranhajedão, e regressar ao navio onde os marinheiros me esperavam ansiosos para ouvir mais um dos meus relatos e para continuarmos a nossa viagem em busca de novas terras.



TORZE

Naquela manhã, o sol brilhava intensamente no céu azul. Foi ele que me acordou espreitando pelo meio das cortinas da janela e logo me levantei da cama.

Tomei o pequeno-almoço junto à minha cama e, de seguida, fui até ao convés. Ao olhar o mar avistei ao longe uma grande ilha, então fui até lá no escaler.

Quando cheguei à ilha vi um animal que chamou a minha atenção, porque era meio elefante e meio cobra. Hesitei em aproximar-me, pois tive medo, mas devagarinho lá fui, mas sempre vendo como reagia. Como não me fez mal cheguei-me perto dele. Afinal era muito meigo e quis mostrar-me logo toda a ilha. Comecei por ver umas plantas amarelas e vermelhas e umas frutas com várias cores que ele usava na sua alimentação. A sua casa ficava no meio da ilha e era toda feita de cocos. Junto à casa tinha uma relva de cor roxa. Também tinha pássaros com duas cabeças que esvoaçavam sobre a relva e peixes com dois chifres saltitavam num pequeno lago situado perto da casa.

Como passei grande parte do tempo com este animal e a ilha ainda não tinha nome, decidi chamar “Torze” a ambos, ao animal e à ilha.

WUKONG

Tinham-se passado dias, semanas e meses de viagem. Naquela manhã acordei mal o sol nasceu. Olhei em redor esperando ver o verde da terra que há tanto desejava.

Caminhei até à proa e vi, pousada no mastro, uma ave esquisita, mas muito bela: a sua cor era vermelha e tinha as asas verdes. Dei-lhe o nome de Kikiwaka. Ela voou para longe e eu segui-a com o olhar. Foi quando reparei que aquela ave se dirigia a uma ilha situada bem perto dali. Decidi ir conhecê-la.

Mal cheguei deparei-me com uma densa vegetação composta por árvores enormes, muitos arbustos todos diferentes uns dos outros e flores de cores vivas e de formas variadas. Entre estas, uma era especial, pois mantinha-se aberta o ano inteiro e graças a ela todos os seres vivos viviam em harmonia. Era a Wukong. Por este motivo decidi dar o seu nome àquela ilha.

Ali habitavam também, para além das aves kikiwaka, os pequenos pavaquelhos, animais parecidos com os escaravelhos e com penas de pavão, e os kikiwaka, os animais mais ferozes da ilha e os guardas da flor wukong.

Esta foi, sem dúvida, a terra mais estranha que visitei até hoje. Desejo, por isso, voltar um dia para a conhecer melhor.

O projeto "O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães", realizado com alunos dos 3.º e 4.º anos do Agrupamento de Escolas Grão Vasco (Viseu), é uma iniciativa da Memória Comum – Associação para os Museus Municipais – Viseu, por ocasião dos 500 anos da partida da Expedição de Fernão de Magalhães que completou a primeira viagem de circum-navegação ao globo terrestre.